



## **POLÍTICAS PÚBLICAS, PROPAGANDA E MOVIMENTOS SOCIAIS NA AMAZÔNIA DO PERÍODO MILITAR**

**MANOEL AIRES DA SILVA NETO\***

### **RESUMO**

O presente artigo pretende estabelecer uma reflexão sobre os sentidos sociais e históricos dos deslocamentos de trabalhadores rurais sem terra de outras regiões do país e da própria região amazônica para as margens da rodovia Perimetral Norte, no sudeste de Roraima, entre meados dos anos 1970 e início dos anos 1980. Assim, aproveitando-se da rede rodoviária construída durante o governo Médici, cuja espinha dorsal era a Transamazônica, os deslocamentos de tais sujeitos de seus estados de origem faziam parte de um movimento bem mais amplo, cujo objetivo, segundo o discurso dos militares, era ocupar os “espaços vazios” da Amazônia. Para tanto, faz-se necessário um diálogo com a história oral e a memória, sobretudo a partir das reflexões de Alessandro Portelli que entende a história oral como um campo de possibilidades e a memória como um processo ativo de criação de significados.

**Palavras-chave:** História oral, Amazônia, Trabalhadores rurais.

---

\* Mestrando no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e bolsista da CAPES.

As reflexões estabelecidas neste artigo fazem parte de um trabalho de pesquisa ainda em andamento que trata especificamente dos sentidos sociais e históricos dos deslocamentos de trabalhadores rurais sem terra que afluíram para as margens de uma das principais rodovias federais construídas na região amazônica durante o regime militar, a rodovia Perimetral Norte (BR-210), cujo projeto (inacabado) era cruzar o Território de Roraima no sentido Leste-Oeste, terminando em Macapá, capital do Amapá.

A espinha dorsal de toda esta rede viária foi sem dúvida a Transamazônica, planejada a princípio para ligar o sistema rodoviário do Nordeste e a Belém-Brasília à Amazônia ocidental (Rondônia e Acre) e às fronteiras do extremo norte do país (Venezuela e Guiana), por meio das rodovias BR-174 e Perimetral Norte.

Planejada com objetivos geopolíticos em relação à fronteira norte do país, a rodovia Perimetral Norte, em função da disponibilidade de terras em suas margens tornou-se um polo de atração de trabalhadores rurais sem terra oriundos de várias partes do Brasil.

Assim, para que houvesse os deslocamentos desses trabalhadores de seus estados de origem para a Amazônia, foi preciso o estabelecimento de uma conjuntura economicamente favorável que começa a se delinear nos primeiros governos militares, chegando ao auge no início dos anos 1970, durante o governo Médici (1969-1974).

Na primeira metade da década de 1970 o país vivia o auge do chamado “milagre econômico” ou “milagre brasileiro”,<sup>2</sup> período no qual a presença do Estado militar na região amazônica se fez sentir por meio da implementação de uma série de programas e metas governamentais voltados sobretudo para a construção de estradas e projetos de colonização e reforma agrária, visando à integração da Amazônia ao todo nacional, bem como ocupar seus “espaços vazios” ou “vazios demográficos”.

Assim, as políticas públicas dos governos militares para a região amazônica eram impostas de cima, com a justificativa de que a mesma era “um imenso vazio demográfico”. Segundo Oliveira (1988:30), as justificativas para tais políticas “baseavam-se no princípio de

---

<sup>2</sup> A expressão “milagre econômico” foi usada pela primeira vez em relação à Alemanha Ocidental. A rapidez da recuperação desse país na década de 1950 foi tão inesperada que muitos analistas passaram a chamar o fenômeno de “milagre alemão”. A expressão foi posteriormente repetida para o crescimento japonês na década de 1960. Finalmente, na década de 1970, a expressão “milagre brasileiro” passou a ser usada como sinônimo do *boom* econômico observado desde 1968 – e também como instrumento de propaganda do governo (PRADO e EARP, 2003:219).

que a solução para a área de tensão social (Nordeste) estava no estímulo ao processo migratório para a ‘terra vazia’ – a Amazônia”.

Conforme Skidmore (1988:288-9), com a construção da rodovia Transamazônica o Brasil abriria o “despovoado” vale amazônico ao excesso de população do Nordeste que por sua vez “seria levado para a Amazônia atraída pelas terras férteis e baratas proporcionadas pelo Programa de Integração Nacional (PIN)”. Com essa medida, o governo Médici pretendia solucionar dois problemas: o dos “homens sem terra do Nordeste” e o das “terras sem homens da Amazônia”.

Segundo Oliveira (1988:74) todas as iniciativas governamentais se resumiam na necessidade de se fazer a reforma agrária no Nordeste, evitando possíveis focos de tensão social, conforme se pode perceber nos discursos oficiais comentados pelo autor: “era necessário então ‘fazer a reforma agrária do Nordeste na Amazônia ou, como dizia o general Médici, ‘vamos levar os homens sem terra do Nordeste para a terra sem homens da Amazônia’”.

A construção de estradas e a implantação de projetos de colonização e reforma agrária na Amazônia, sobretudo a Transamazônica e, no nosso deste estudo, a Perimetral Norte foi determinante como espaço de inserção e de sociabilidade das famílias de trabalhadores rurais que chegavam diariamente em ônibus ou caminhões “paus-de-arara”, vindos principalmente do Nordeste e Centro-Sul do país, em busca das terras cujas notícias chegavam por meio de amigos, parentes ou mesmo através da propaganda oficial.

A propaganda a respeito de tais programas no nosso modo de entender foi um dos fatores responsáveis pelos deslocamentos das famílias de trabalhadores rurais sem terra das mais distantes regiões do país para a Amazônia.

As referências à propaganda sobre terras na região amazônica estão presentes nas narrativas de alguns dos trabalhadores rurais entrevistados para esta pesquisa. Só para ilustrar o que foi dito, no depoimento do migrante goiano Francisco Rodrigues Vasconcelos (Chico do PT), ao ser perguntado sobre os motivos de sua decisão de vir para Rondônia, onde trabalhou por um ano antes de se estabelecer em Roraima, em 1982, sua resposta foi bastante elucidativa: “A propaganda grande era de Rondônia”.<sup>3</sup>

---

<sup>3</sup> Entrevista com Chico do PT realizada pelo autor em 09/02/13 em Caroebe no Estado de Roraima.

Após estas rápidas referências às principais iniciativas dos governos militares para a região amazônica – construção de estradas e projetos de colonização – cabe aqui algumas perguntas: qual a repercussão de tais políticas nas vidas dos sujeitos que se deslocaram para a região nesse período? Em que sentido suas vidas seriam modificadas a partir da implantação dos programas e metas governamentais, em um momento no qual a propaganda e os discursos oficiais apontavam em direção à Amazônia?

Na tentativa de responder estas perguntas vamos analisar aqui cinco entrevistas com trabalhadores rurais que se estabeleceram nas margens rodovia Perimetral Norte entre meados dos anos 1970 e o início dos anos 1980. Neste estudo nos interessa abordar os deslocamentos desses sujeitos, os caminhos e descaminhos da viagem, bem como os significados da conquista da terra em Roraima.

As entrevistas realizadas com os trabalhadores rurais para esta pesquisa dão conta que tais sujeitos possuem todo um histórico de migrações por estados como Goiás, Pará, Acre e Rondônia, antes de se estabelecerem nas terras às margens da Perimetral Norte a partir de meados da década de 1970.

Como aporte teórico sobre história oral, fontes orais e memória, vamos nos embasar nas reflexões de Alessandro Portelli, Michael Pollak e Ecléa Bosi. As contribuições de tais autores apontam para as amplas possibilidades da história oral e das fontes orais, bem como para memória como um processo ativo de criação de significados.

Assim, segundo Portelli (1996:8) “a história oral e as memórias, pois, não nos oferecem um esquema de experiências comuns, mas sim um campo de possibilidades compartilhadas, reais ou imaginárias”.

Ainda segundo Portelli (2001:10), “historiadores que trabalham com história oral estão cada vez mais cientes de que ela é um discurso dialógico, criado não somente pelo que os entrevistados dizem, mas também pelo que nós fazemos como historiadores”.

Sobre as fontes orais este mesmo autor assinala que “o trabalho histórico que se utiliza de fontes orais é infundável, dada a natureza das fontes; o trabalho histórico que exclui fontes orais (quando válidas) é incompleto por definição” (PORTELLI, 1997:36-7).

Tratando propriamente sobre a questão da memória assinala Bosi (2004:39):

*A memória é um cabedal infinito do qual só registramos um fragmento. Frequentemente, as mais vivas recordações afloram depois da entrevista, na hora do cafezinho, na escada, no jardim, ou na despedida no portão. Muitas passagens não foram registradas, foram contadas em confiança, como confidências. Continuando a escutar ouviríamos outro tanto e ainda mais. Lembrança puxa lembrança e seria preciso um escutador infinito.*

Quando Pollak (1989:4) trata da questão da memória, um dos aspectos por ele destacados diz respeito à importância da história oral no resgate do que ele chama de memória dos excluídos ou “memórias subterrâneas”. Assim:

*Ao privilegiar a análise dos excluídos, dos marginalizados e das minorias, a história oral ressaltou a importância de memórias subterrâneas que, como parte integrante das culturas minoritárias e dominadas, se opõem à “memória oficial”, no nosso caso, à memória nacional (...).*

Para ilustrar melhor estas breves reflexões sobre história oral, fontes orais e memória assinala Portelli (1997:32) que:

*o realmente importante não é ser a memória apenas um depósito passivo de fatos, mas também um processo ativo de criação de significados. Assim, a utilidade específica das fontes orais para o historiador repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forjadas pela memória.*

É nessa perspectiva que pretendemos explorar as narrativas dos trabalhadores rurais entrevistados para a pesquisa, procurando compreender a partir da memória de tais sujeitos os significados por eles atribuídos ao processo de deslocamento pelo espaço rural amazônico.

A Transamazônica nas falas de alguns dos entrevistados, principalmente para aqueles oriundos do Nordeste, representou o caminho para a conquista da terra nos projetos de colonização da Amazônia, um dos principais objetivos desta estrada. Contudo, como esta meta não foi totalmente atingida, muitos trabalhadores dirigiram-se para outras partes da região, como a rodovia Perimetral Norte, em Roraima.

Este foi o caminho percorrido pela família da maranhense Marinete de Souza Lima,<sup>4</sup> no início do ano de 1977, com destino a Roraima. Este depoimento ilustra bem as dificuldades oferecidas pelos trechos transitáveis da Transamazônica, ou “Transamargura”, conforme a fala da entrevistada. Sobre a viagem ela falou:

---

<sup>4</sup> Entrevista concedida ao autor no PAR Jatapu, BR-210, Caroebe – RR, no dia 11 de fevereiro de 2013.

*Ah, moço, foi maravilhosa! Foi sofrida! Só porque eu gosto de aventura ó, pense numa pessoa que tem coragem. Nós viemo, nós saímo do Maranhão, saímo da cidade, do lugar onde eu, eu, nós viemo, é Mucuíba no Maranhão, município de Horizonte, não sei se o senhor já ouviu falar? Pois é, aí nós viemo pra Imperatriz pra pegar um ônibus pra vim pra Marabá, quando nós chegemo em Imperatriz, já não tinha mais, passagem, né, e nós tivemo que dormir pra vim no outro dia. Aí nós viemo embora pro Marabá, nós viemo pro Marabá (...), quando chegou lá, pra vim embora pra es... pra vim pra Santarém, naquela “Transamargura”, Transamargura (risos), moço era na época do inverno, nós passou oito dia de Marabá pra Santarém.*

“Só porque eu gosto de aventura”. Nada mal, vindo de uma jovem de 19 pra 20 anos, inclusive seu aniversário foi comemorado durante a viagem, conforme ela falou: “chegamo em Manaus, dia, dia 9 de maio, foi meu aniversário de 20 anos”. Durante uma longa e prazerosa conversa Marinete relatou nos mínimos detalhes a viagem do Maranhão até Caracarái em Roraima, ao lado do pai – a mãe havia morrido quando ela ainda era pequena –, da avó, da madrasta, do tio e dos dois irmãos pequenos. Eram ao todo dezesseis pessoas. “Dezesseis, eu me lembro muito bem, dezesseis pessoa. Eu contava todo dia”.

Um dos aspectos mais marcantes dessa época, para promover e legitimar as ações do regime militar era a propaganda veiculada pela TV, rádio, jornais, revistas. E foi exatamente através de uma destas revistas (a entrevistada não revelou o nome), que Marinete ganhou de presente, que tomou conhecimento da história da Região Norte. Também, segundo ela informou, seu tio já morava em Roraima:

*Aí, até que ficou mais ou menos até uns quinze, vinte anos, eu já não tinha mais minha mãe, quando tinha um tio meu que morava aqui em Roraima, aí, eu via falar em Roraima, eu tinha uma revista que eu tinha ganhado de presente sobre a história aqui da região norte, e eu gostava muito de ler, né? aí eu lia, eu sabia da história toda, só que eu pra mim era uma lenda, né? E aí, quando um dia, meu pai chegou dizendo que nós vinha embora pra Roraima, eu digo: “quando é agora danou-se, será que eu vou mesmo pra lá meu Deus?”.*

Ao longo do depoimento vão surgindo aspectos que revelam entre outros, os motivos que lavaram a família a decidir pela viagem. Para tanto, foi importante a presença do tio que, morando em Roraima, informava sobre as oportunidades encontradas por lá. “No Maranhão”, diz a entrevistada, “as coisas são muito difíceis, na época meu tio falou que aqui era muito bom, que tinha oportunidade, né? sempre a gente lá que trabalha com a agricultura, pra onde vai só pensa na agricultura, aí diz que era muito bom, aí nós viemos”.

Segundo Portelli (1997:33) as fontes orais “revelam o esforço dos narradores em buscar sentido no passado e dar forma às suas vidas, e colocar a entrevista e a narração em seu

contexto histórico”. Para a Marinete, sentir saudades do Maranhão significava buscar sentido no passado para superar “aquele tempo muito difícil” de adaptação à nova realidade:

*Aí eu fiquei lá pra Caracará (... ) e as coisa naquele tempo muito difícil, e eu com saudade do Maranhão, né? e aqui, no, naquela época, pra quem vei da onde nós viemo, duma terra que se brinca lidu, tem festa de reis, né, que tem boi-bumbá, que tem essas coisa, pra gente chegar aqui e acostumar, foi duro minino. Mas eu nunca quis deixar meu pai mais meus irmão. Antes da gente vim, gente chorava, pelevava, “vou nada, não eu não fico não, vou mais meu pai, cuidar dos meus irmão”, porque a minha mãe morreu, eu ainda era muito pequena, aí e eu fiquei cuidando deles.*

Percebe-se na fala da entrevistada as estratégias para superar o desenraizamento em relação à realidade anterior na coesão do núcleo familiar (o pai, a avó, os irmão pequenos), mantendo vivas as lembranças do Maranhão e buscando adaptar-se à nova realidade.

Uma das nossas preocupações durante a realização das entrevistas foi perguntar aos entrevistados o que significava a terra para eles, o que significava ter conseguido a terra em Roraima. As respostas são surpreendentes, como a do maranhense Raimundo Nonato de Souza.<sup>5</sup> Impressionam suas afirmações sobre a conquista da terra: “a terra é minha vida”, “eu amo a minha propriedade”. Mais adiante ele afirma:

*hoje pra mim eu tô no céu aqui, pra mim é um, se existir um paraíso eu tô num, eu tô num, tenho minha famia, tenho meu propriedade, eu tô sussegado, aqui eu tô localizado, aqui eu tô... num carece um sussego melhor de que o meu, e riuço maior de que esse, pra mim (...).*

A declaração de Marinete a respeito da conquista da terra em Roraima é digna de nota. Quando perguntada, ela respondeu:

*Olha, pra nós foi a maior vitória, né, porque da onde a gente vei, lá sim tinha terra, né, meu avô tinha a terra dele e tudo, era pra ele mais os filho, mas da gente mermo a gente num tinha. Aí quando nós chegamo aqui, cada qual marcou seu lote de terra pra trabalhar, era um, uma felicidade. (...) E o bem maior do ser humano, principalmente dos pobre, é a terra, porque na terra você produz tudo, (...) se você tiver a terra, você planta arroz, você planta feijão, você planta tudo, né, então, você cria uma galinha, você cria o porco, quer dizer que tudo isso aí é fonte de riqueza pra gente, né, que mora na terra, tudo isso aí dá.*

O lote “Flor de Minas”, de Raimundo Nonato onde ele mora com a esposa desde 1977, quando chegou a Roraima, está localizado na margem direita da rodovia Perimetral Norte, distante 6 quilômetros da cidade de Caroebe. A fala do entrevistado permite perceber a invasão do agronegócio na região, “dos grandes”, segundo ele, sufocando o pequeno colono,

<sup>5</sup> Entrevista concedida ao autor no Sítio Flor de Minas, BR-210, Caroebe – RR em 11 de fevereiro de 2013.

que, assim como ele tentou formar um criatório de gado e hoje se diz arrependido de ter derrubado a sua mata para plantar pasto:

*Aqui todo mundo prantou capim com negócio, “não, vou enricar, eu vou fazer fazenda, eu vou...”, tá todo mundo arreventado, porque não tem gado, só na mão dos grandes, o cara que tem um lotim que nem eu que tenho esse aqui, aqui eu já pissuí de oitenta vaca aqui dentro de meu pasto, minha, mais eu fui e acabei. Antão hoje, se eu não tivesse derrubado minha mata pra plantar capim, ho... hoje eu não derrubava pra plantar capim, é sem futuro. Hoje você pra criar um boi você tem que, tabaiá quase o resto da vida pra comprar um saco de sal, pra dá pro boi, quando termina meu amigo de criar um boi, já foi o dinheiro (...).*

Até chegar ao então Território Federal de Roraima a convite de um amigo, ao lado da esposa e dos filhos pequenos, Raimundo Nonato percorreu uma verdadeira maratona. Saindo do Maranhão, passou um ano trabalhando na Transamazônica, no Amazonas e em Rondônia. Este exemplo é expressão de que a luta pela terra “encerra em si a noção de busca de um lugar, de um espaço para construir a vida, portanto, de um território” (SILVA, 1996:4).

Outro depoimento digno de nota é o de Manoel Vitório da Costa (Manoel Goiano).<sup>6</sup> Natural de Araguaína, norte de Goiás (hoje Tocantins), Manoel Goiano é considerado um dos primeiros moradores da região. Ele chegou às densas matas do sudeste de Roraima em 1974, na época da abertura da Perimetral Norte, contratado pela firma encarregada de construir a rodovia. Paralisada a obra e rescindido o contrato de trabalho, Manoel Goiano ficou, pois, assim como outros trabalhadores da empresa e migrantes que começaram a chegar com a abertura da estrada, havia demarcado lotes de terra em suas margens.

O entrevistado tomou conhecimento do Território de Roraima, segundo ele mesmo conta, na cidade de Santarém no Pará, quando hospedado num hotel ouviu o anúncio de uma firma contratando gente para a construção de uma estrada em Roraima. Era a abertura da rodovia Perimetral Norte. Segundo Manoel Goiano:

*Pra te dizer a verdade, eu vim tomar conhecimento de Roraima, no meio da viagem, na cidade de Santarém (PA). Foi lá que eu fui saber o rumo de, o roteiro de Roraima. Eu tava em Santarém, quando o, no hotel Tupã, quando o, deu na voz que uma firma, Camargo Correia e a Paranapanema, contratando gente para trabaiaá no estado, no Território de Roraima, que inda era território. Aí, foi da partida daí que daí eu já fui contatado lá mesmo, pra vim trabaiaá (...) da construção dessa estrada, aqui que é essa BR (Perimetral Norte/BR-210). (...) aí vim pra Roraima.*

<sup>6</sup> Entrevista concedida ao autor na cidade de Caroebe – RR, no dia 10 de fevereiro de 2013.

Em seus deslocamentos pelo interior da região amazônica, tais sujeitos não medem esforços na busca de um espaço para construir a vida e viver com dignidade. Assim, em suas experiências pela Transamazônica e pelos estados do Pará, Amazonas e Acre, sobretudo o último, Manoel Goiano, ao contrário de muitos dos nossos entrevistados, não morou em Rondônia, que afirmou conhecer “de passagem”.

*Não, Rondônia eu conheço de passagem, lugar que eu morei mais ou menos uns três anos foi o Estado do Acre, agora Rondônia eu andei já por quatro veiz, mais nunca morei na Rondônia. Só de passagem. Agora no Acre eu morei. Morei na região do alto, no, na região de Brasileira, 51 quilômetros da capital do Rio Branco.*

Manoel Goiano, hoje com 71 anos de idade, aposentado, relembra que em suas andanças pelo país, também esteve no Nordeste e no Centro-Sul. Ao narrar suas experiências de viagens, lembrando Portelli (1997:33), o narrador buscou sentido no passado para reconstruir sua trajetória pelo território nacional e, sobretudo pelo interior do espaço amazônico.

Ao ser perguntado sobre o significado da conquista da terra em Roraima, ele respondeu com muita convicção:

*Rapaiz, a conquista, a terra, é um significado muito bom, porque é uma moradia definitiva, (...) além de tudo a gente é dono, né? (...) Isso é uma grande vantagem, porque a gente vê na televisão, quantos, gente num vive invadindo os patrimônio na cidade grande, por que? Porque ele não tem onde morar, se ele tivesse ele num tava fazendo aquela agressão.*

Foi por meio da propaganda que o migrante goiano Francisco Rodrigues Vasconcelos (Chico do PT) chegou a Roraima. A fala de Chico do PT é bastante elucidativa, quando se refere à propaganda que chegava onde ele morava, em Goiás. Conforme nos contou durante a entrevista: “a propaganda grande era de Rondônia. Mais aí em Rondônia nós chegou e num tinha mais, num tava, num tinha ponto assim pra gente pegar terra, dá terra pra quem num... pra, pros trabalhador que num tinha terra”.

Percebemos aqui a dura realidade enfrentada por muitas famílias de trabalhadores rurais que se dirigiram para a Amazônia durante o período militar em busca de terra, que nem sempre eram suficientes para suprir a demanda das famílias que sonhavam com um lugar para reconstruir a vida e superar dificuldades de seus lugares de origem.

Em seu percurso de Goiânia, onde trabalhava na construção civil até Rondônia e, depois, Roraima, a família de Chico do PT fez o caminho de retorno ao campo, pois, ao lado de outras famílias – eram cinco ao todo –, deixou a capital de Goiás em busca de terras na Amazônia. Em uma conversa bastante agradável o entrevistado narrou os detalhes da viagem:

*Aí nós veio foi trabalhar com um Baiano ali em Rondônia. Nós, era na “vercinal 9”, em Rondônia. Ele tinha uma fazendinha lá, aí nós trabalhou com ele, chegou no tempo da coieta, ajudando ele no coieta, aí fiquemo até no oto ano, hora que coieiu, aí nós pagou... Aí já arrumemo uns caminhão de pau-de-arara e truxemo a mudança pra cá, que nós tinha trazida até lá, né? E aí nós ajuntemo te, três, em três caminhão. Truxemo arroz, feijão e tudo. É. Truxemo pra cá, porque nós sabia que aqui nós ia chegar e ia achar muito era mato, nós num achava muita coisa não (...). De Goiás nós vei de caminhão, do jeito que nós vei de caminhão até em Rondônia, a família todo, e era, era três caminhão pra cinco família. E aí nós fez aquela, tipo duma casa ali em cima num caminhão. Vinha num caminhão o pessoal, e nos outros vinha aquelas coisas que nós vinha trazendo; era cama, era tudo quanto é, nós pôde trazer, né? Que nós sabia que aqui era custoso as coisas e, lá naquele tempo era fácil pra nós arrumar, que nós tava trabalhando na firma (...).*

Ter conquistado a terra em Roraima para Chico do PT teve muitos significados, entre eles a aposentadoria à qual está desfrutando hoje: “eu pra mim aqui, eu com terreno, com esses documentos aí ó, eu aposentei, eu aposentei eu, a mulher, um filho (deficiente), quando eu vim pra cá, o filho já era aposentado, né?”

Caminho parecido percorreu o capixaba Nairton Alfredo Pacheco<sup>7</sup> que também tentou a vida em Rondônia antes de chegar a Roraima no começo dos anos 1980. Nascido no Espírito Santo, Nairton cresceu no Paraná. Conforme podemos perceber em sua fala, Rondônia era a primeira opção, mas, em razão das dificuldades de encontrar terras nesse estado, ele optou pra Roraima:

*Lá na Rondônia eu pelejei não arranjei, foi, aí vei, vei um rapaiz de lá, já morreu também, aí a gente... ouviu falar que “lá é muito bom pra gente pobre, pra rico, lá não é bom não, pra pobre é bom”. (...) Aí juntemo, juntemo os bagulho, vendi, arranjei o dinheiro e vim embora. Naquele tempo com cinquenta conto, cinquenta conto era até um dinheirinho. Aí com esses cinquenta conto, ajuntei a mo... a molecada, joguei num ônibo ó, e vim pra cá. Passei, aquele tempo, aquele tempo eu sofri, eu cheguei aqui com a perna quebrada, com a perna quebra, arrastando a perna, a minha véia fazia até posto pra nós viver.*

As dificuldades do passado são compensadas pela situação confortável do presente, como o próprio Nairton afirma: “mais eu sofri muito naquele tempo, mais foi bem. Hoje

<sup>7</sup> Entrevista concedida ao autor na cidade de Caroebe – RR, no dia 10 de fevereiro de 2013.

tenho minha casa (na cidade de Caroebe), tenho quatro lotes lá dentro (Projeto Jatapu).<sup>8</sup> Tá na mata, é um, só um abertim que eu tem lá, também não vou abrir muito não, vou, vou possuir essa terra pra mim ter, pra mim ter o, onde caçar um bicho, é, ajeitar uma coisa ou outra, né?”

Para Nairton, o fato de ter se deslocado do sul do país e ter conquistado a terra em Roraima foi um fator positivo, porque “lá pra fora”, no Sul, de onde viera, ele “não tinha nada”. Hoje ele tem uma casa em Caroebe, quatro lotes no PAR Jatapu e está iniciando um criatório de peixes (tambaquis). Acompanhemos seu depoimento:

*Pra mim foi bom demais, porque eu não tinha, lá pra fora eu não tinha nada, só o mundo e a lua e aqui eu fui pegando naquilo e, e aqui, aqui agora nós faz o pé de meia, vai... (risos). Porque, sabe, colônia se não tiver uma ajuda, sem ajuda do governo, o governo não ajuda os pobre. Que é, quando é na hora de pagar imposto eles querem, né? Cobra, cobra imposto e, num, num ajuda os pobre não (...). Ah! Ó, tem mais valor, tem mais valo um, quem trabaia na cidade, que quem mora na roça.*

Estes, portanto, são alguns dos aspectos ressaltados nas entrevistas realizados com os trabalhadores rurais assentados no Projeto Jatapu, localizado nas margens da rodovia Perimetral Norte, município de Caroebe, região sudeste de Roraima. Os depoimentos destes sujeitos que se dispuseram gentilmente a narrar suas experiências, contribuíram não só para o enriquecimento do nosso trabalho bem como para uma discussão mais ampla sobre a história dos movimentos sociais na Amazônia.

---

<sup>8</sup> Criado pelo INCRA em 1983, o Projeto de Assentamento Rápido Jatapu (PAR Jatapu), concentra as terras ocupadas por trabalhadores rurais que chagaram às margens da rodovia Perimetral Norte, onde hoje é o município de Caroebe – RR, a partir de meados da década de 1970, com abertura da estrada.

## REFERÊNCIAS

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. – ed. – São Paulo: Companhia das Letras, (2004).

IANNI, Otávio. **Ditadura e agricultura: o desenvolvimento do capitalismo na Amazônia: 1964-1978**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.

OLIVEIRA, Ariovaldo Uberlino de. **Integrar para não entregar: políticas públicas e Amazônia**. – Campinas, SP: Papyrus, 1988.

PORELLI, Alessandro. **A Filosofia e os Fatos: Narração, interpretação e significado nas memórias e nas fontes orais**. Tempo, Rio de Janeiro, vol. 1, n.º. 2, 1996, p. 59-72.

\_\_\_\_\_. **O que faz a história oral diferente**. Projeto História, São Paulo, (14), fev. 1997, p 25-39.

\_\_\_\_\_. **A história oral como gênero**. Projeto História. São Paulo. (22), jun. 2001, p. 9-36.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. In: Revista Estudos históricos, RJ, Vol. 2, n.º 3, 1989, p. 3-15.

PRADO, Luiz Carlos Delorme; EARP, Fábio Sá. O “milagre” brasileiro: crescimento acelerado, integração internacional e concentração de renda (1967-1973). In: FERREIRA, Jorge e DELGADO, Lucília de A. N. (org.). O Brasil republicano, vol. 4 – **O tempo da ditadura: regime militar e movimentos sociais em fins do século XX**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

SILVA, Luzia Márcia Resende. **Os trabalhadores em luta pela terra no Triângulo Mineiro: 1989/1996**. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/SP, 1996.

SKIDMORE, Thomas E. **Brasil: de Castelo a Tancredo**. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

### Entrevistas

Francisco Rodrigues Vasconcelos (Chico do PT), 71 anos de idade, viúvo, natural de Inhumas (GO). Concedeu entrevista ao autor em 09/02/2013 na cidade de Caroebe – RR.

Manoel Vitorio da Costa (Manoel Goiano), 71 anos de idade, natural de Araguaína (na época GO, hoje TO). Concedeu entrevista ao autor em 10/02/2013 na cidade de Caroebe – RR.

Marinete de Souza Lima, 56 anos de idade, casada, natural de Boa Esperança (MA). Concedeu entrevista ao autor em 11/02/2013 no PAR Jatapu, BR-210, Caroebe – RR.

Nairton Alfredo Pacheco, 63 anos de idade, casado, natural de São Francisco (ES). Concedeu entrevista ao autor em 10/02/2013 na cidade de Caroebe – RR.

Raimundo Nonato de Souza, 67 anos de idade, casado, natural de Dom Pedro (MA). Concedeu entrevista ao autor em 11/02/2013 no Sítio Flor de Minas, BR-210, Caroebe – RR.